

# POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO INTEGRADO NO CMEI

MS. MARIA CELESTE ROCHA

Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

**Resumo** | Apresenta reflexões acerca da prática pedagógica da Educação Física (EF) na Educação Infantil (EI), tecidas a partir de nossas experiências na construção de um projeto de EF articulado à proposta pedagógica de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Metodologicamente, caracteriza-se como um relato de experiência, aqui entendido como possibilidade de pesquisa e formação. Destaca os pressupostos que norteiam a construção de nossa prática pedagógica na EI, bem como relata o processo de efetivação de um trabalho realizado com crianças do grupo 6 (5 a 6 anos) no CMEI em que atuamos.

**Palavras-chave** | Educação Física; Educação Infantil; Trabalho integrado.

A EI vive um período de intensos debates, particularmente a partir de sua integração à Educação Básica brasileira, tal como disposto na LDB n. 9394/96. Um dos resultados deste processo tem sido a construção de propostas para orientar as práticas neste segmento educacional, como referenciais e diretrizes curriculares. Ademais, com a inserção legal da EF como componente curricular da EI em alguns contextos, estudos são realizados na tentativa de investigar o “lugar” da EF nesse espaço (ROCHA 2011). Especificamente sobre a presença (via inserção legal) da EF na EI, é importante destacar que, se em alguns momentos a discussão esteve mais relacionada à pertinência ou não da figura do professor especialista naquele espaço (SAYÃO, 1999), parecem ganhar força, estudos que buscam colocar em evidência a necessidade e as possibilidades de construção de um trabalho integrado e não fragmentário.

No caso específico da Rede Municipal de Vitória-ES, os CMEIs já contam com a inserção de professores de EF para trabalhar com o movimento da criança. No entanto, por mais que alinhemos nossa posição com aqueles que visualizam o “lugar” da EF na EI, ao analisarmos a realidade de três CMEIs de Vitória-ES, foi perceptível na fala da equipe pedagógica certa dificuldade de integração do trabalho pedagógico entre os diferentes profissionais. Na prática, não podemos desconsiderar algumas tensões existentes quando pensamos na legitimidade da presença desta “disciplina escolar”, sendo conduzida por um especialista, como também, nas tensões acerca da sua especificidade nesse âmbito de ensino (ROCHA, 2011).

Levando em consideração nossa atuação como professora de EF na EI, a apropriação que fizemos de tal problemática tem nos levado refletir e buscar a construção de alternativas para a nossa própria docência. Ou seja, os desafios ora identificados nos contextos investigados, apresentam-se também para nós. Sendo assim, as reflexões que apresentamos neste artigo foram tecidas a partir do registro de nossas experiências (em seus limites e possibilidades) na construção de um projeto de EF articulado à proposta do CMEI. Em termos metodológicos, situamos o presente manuscrito como um relato de experiência, aqui entendido como possibilidade de pesquisa e formação (SCHÖN, 2000). O projeto relatado foi desenvolvido ao longo de um bimestre de 2014.

### **“VIVENCIANDO O FOLCLORE E BRINCANDO COM AS LENDAS CAPIXABAS”: A CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DE MOVIMENTO EM UM PROJETO DO CMEI**

Todo ano letivo o grupo de professores define, logo no início do ano, qual será o projeto institucional, e, a partir daí, cada professora estrutura seu projeto de sala; o mesmo vale para as dinamizadoras (de Artes e EF). Entretanto, ao longo desses 7 anos de atuação na EI, percebemos que, muitas vezes, apenas ter nosso projeto articulado ao projeto institucional (o que já seria um bom caminho para a integração do nosso trabalho) não estava sendo suficiente. Quer dizer, nos parecia existir lacunas decorrentes da dificuldade de um processo de integração no qual

houvesse uma espécie de abertura e reconhecimento recíproco entre os docentes envolvidos.<sup>1</sup>

Ao longo do ano esse projeto institucional é perpassado, ainda, por pequenos projetos específicos, associados a alguma temática (por exemplo: o mês de acolhida e recepção das crianças; a semana da alimentação saudável; o mês da família na escola; entre outros). Durante as práticas desenvolvidas nesses pequenos projetos, percebemos que, mais facilmente, as barreiras do trabalho coletivo são rompidas. Pois no desenvolvimento dos “microprojetos”, há uma maior aproximação entre os pequenos grupos de professores envolvidos (pois, se intensificam conversas/reuniões de planejamento, facilitando a aproximação/articulação dos conteúdos, bem como o próprio processo de avaliação).

Foi nessa condição que nasceu e se efetivou a experiência que vamos relatar (desenvolvida nos meses de julho e agosto do ano de 2014). Além da busca por um trabalho integrado, balizaram nossas ações as tentativas de captar as necessidades que as crianças expressavam em suas falas, assim como suas motivações ao se envolverem com determinadas atividades que experimentaram cotidianamente nos *momentos e entremomentos* (RICHTER, 2005) da rotina do CMEI. Embasados na pedagogia de projetos (HERNÁNDEZ, 1998), elegemos o tema “Folclore” e estruturamos o projeto intitulado “Vivenciando o folclore no CMEI e brincando com as Lendas Capixabas”.

Especificamente, realizamos uma releitura das Lendas Capixabas, desenvolvendo um trabalho a partir de cinco lendas: *O Frade e a Freira*, *O Pássaro de Fogo*, *O Fantasma do Convento*, *A Sereia de Meaípe* e *O Penedo*. As professoras regentes estruturaram seus trabalhos com as lendas dando um enfoque maior ao desenvolvimento das linguagens oral e escrita (de acordo com a especificidade de cada turma). A professora de artes trabalhou a partir de diversos tipos de pinturas, recorte e colagem,

---

1. Ou seja, o trabalho integrado somente ocorre quando há por parte dos envolvidos o reconhecimento da contribuição específica do “outro” para a consecução do projeto, em contraposição a certa “cultura de atomismo nas práticas pedagógicas” (FARIA, 2012).

e estreitou sua prática com a nossa por meio da contação de histórias, dramatizações, levantamento de músicas populares e organização de passeios. Nas aulas de EF fizemos o levantamento de brincadeiras, encenações, jogos, piques, e demais atividades que pudessem ser contextualizadas pelas lendas eleitas. Foram utilizados diversos espaços para o desenvolvimento das aulas, como os pátios, salas de aula, solário, sala de informática, biblioteca, corredores.

Para este relato, apresentamos a experiência desenvolvida, com o Grupo VI, junto às professoras regente de sala e dinamizadora de Artes. A primeira aula foi realizada a partir de uma conversa com crianças, na qual apresentamos o tema, e perguntamos o que elas sabiam/conheciam a respeito. As crianças nos apresentaram alguns conhecimentos sobre o folclore, identificando alguns personagens clássicos, como saci-pererê, bumba meu boi, boto, entre outros. No que diz respeito às lendas capixabas, elas não conheciam nenhuma. Para a nossa surpresa, as crianças demonstraram algum conhecimento sobre as brincadeiras populares e inclusive apontaram algumas brincadeiras que gostariam de vivenciar nas aulas de EF. Mesmo não sendo este o foco principal, já que priorizávamos as lendas capixabas, não conseguimos desconsiderar essas necessidades apontadas pelas crianças, contemplando-as na sequência.

Nas aulas posteriores, com a professora regente, as crianças acesavam as lendas e o trabalho enfatizava a leitura e escrita. As primeiras aulas de Artes consistiam na produção de um desenho acerca dessas lendas. Na aula de EF nosso desafio era recontar e dramatizar essas lendas, usando brincadeiras de mímicas e encenações. Além de possibilitar que as crianças construíssem a partir de seu imaginário formas de expressar corporalmente as histórias que ouviam, nossa ideia era observar qual seria a lenda que mais lhes interessaria (o que variou de turma para turma).

No caso no grupo VI, logo na primeira oportunidade de contato e apropriação das lendas pelas crianças, foi possível observar nelas um encantamento, curiosidade e preferência pela lenda do *Fantasma do Convento*. Acreditamos que o deslumbre com essa lenda foi ainda maior em função da localização geográfica do nosso CMEI que possibilita às

crianças uma visão privilegiada do Convento da Penha.<sup>2</sup> Partindo disso, buscamos outras possibilidades de trabalhar com a lenda *O Fantasma do convento*. Nesse caso, recontamos a lenda utilizando um livro ilustrado, apresentamos vídeos de uma peça teatral sobre a lenda e um desenho animado produzido e confeccionaram uma pintura em tela com a professora de artes.

Na EF, buscamos recriar alguns piques e brincadeiras que passaram a ter o “fantasma” como tema: a brincadeira  *siga o mestre*, se transformou em  *siga o fantasma*, na brincadeira mãe da rua, o  *fantasma passa a ser o dono da rua*, a tradicional brincadeira do  *coelhinho sai da toca*, virou  *fantasma sai do convento*, criamos e experimentamos piques diversos. As crianças puderam manifestar suas opiniões e impressões a todo momento. Um exercício interessante foi perceber como essas mudanças no nome das atividades possibilitou a construção de outro “cenário” para as aulas. Assim, a leitura que fazemos das aulas é de que o clima construído a partir da apropriação da lenda e a maneira como as crianças se envolveram nas brincadeiras, denotou uma nova forma de significá-las (exemplo disso é a forma e o próprio tempo de duração das atividades). Merece destaque, também, o fato de que as atividades com jogos teatrais possibilitaram a exploração de uma experiência rica em expressões, na qual trabalhamos as questões do suspense, medo, susto, comédia.

Em síntese, com a adaptação, vislumbramos a possibilidade de que as crianças atribuíssem sentidos e significado diversos às brincadeiras realizadas. Para Mattos e Neira (2004, p.17), o movimento da criança não é apenas “um movimento de músculos e tendões, de fibras de força, resistência e velocidade”, mas também um movimento que envolve o “coração e a cabeça”. Em outras palavras, podemos dizer que toda brincadeira e movimento realizado pelas crianças é determinado pela sua dimensão cultural, e é sempre sustentado por um significado.

---

2. O Convento da Penha é considerado um patrimônio histórico. Foi construído sobre um rochedo em 1558 pelo Frei Pedro Palácios, e é considerado um dos maiores símbolos de Vila Velha.

A previsão de encerramento do projeto contava com uma atividade coletiva, que envolveria todas as turmas do CMEI. Mas, ao perceber o encantamento das crianças com o convento nos *entremomentos*, optamos por mudanças. Começamos a observar alguns comportamentos: no período de chegada ao CMEI as crianças contavam a lenda para seus familiares e mostravam o convento; nos momentos de brincadeiras livres no pátio, muitas vezes, elas ficavam apenas contemplando a paisagem e conversando a respeito entre si; outras criavam ou reproduziam brincadeiras; algumas chegaram a comentar que nunca tinham visitado o convento, que não conheciam e que gostariam muito de conhecer. Concluímos, portanto, que o encerramento desse trabalho deveria contar com uma aula-passeio no convento.<sup>3</sup>

No dia do passeio, optamos por subir o convento a pé, de modo a proporcionar às crianças a experiência do contato com a natureza, a ideia de reprodução do “caminho percorrido pelo Frei Joaquim”. E foi um barato! Na chegada ao convento as crianças comentaram sobre os detalhes das palmeiras que pintaram no desenho, sobre o tamanho do convento, pois do CMEI ele parecia bem pequenininho, mas de pertinho ele era “enooooorrme”. Devido à altura do mesmo, muitas crianças nos questionavam se estávamos chegando no céu, outras se deslumbravam com a vista ao ver a cidade sob outra perspectiva, muitas perguntavam quem morava naquelas casinhas tão pequenas...

Nosso retorno foi marcado por muitas histórias e registros. As famílias, em função da forma como as crianças levaram as experiências para casa, nos deram um retorno muito positivo. Inclusive, com a manifestação da vontade de participar da nossa segunda empreitada coletiva (com as brincadeiras populares).

Com o objetivo de explorar ainda mais a temática do folclore, a partir das brincadeiras populares e do envolvimento com as famílias,

---

3. Este foi um dos momentos mais emocionantes da minha prática, pois a euforia, curiosidade e empolgação tomaram conta da turma, como eu jamais havia visto em anos de EI. A partir daí só se falava no passeio, começaram até mesmo a surgir dúvidas se iríamos encontrar mesmo o fantasma...

foi montado um cronograma das brincadeiras a serem vivenciadas. Em parceria com a professora regente, com a professora de Artes e com as famílias, as crianças construíram alguns brinquedos (peteca, bola de meia e arrecadaram bolinha de gude). Na EF aprendemos as regras e vivenciamos as brincadeiras. Após a construção do material, vivência na aula de EF, a cada semana agendamos um dia para as famílias virem brincar com a gente. Houve a participação de diversos familiares, cada qual trazendo suas experiências na vivência das brincadeiras, bem como contando suas histórias para as crianças.

Em termos metodológicos, de maneira geral, gostaríamos de destacar que todas as aulas se iniciavam e encerravam com uma roda de conversa com as crianças. Acreditamos que esse seria o nosso “termômetro do caminho percorrido” (ANTUNES, 2002, p.36), e para que isso ocorresse é sempre importante “[...] que o aluno seja levado a *contextualizar* o que ouve às cenas que vive e, seguramente, aprenderá melhor quando sentir proximidade relativa entre o que o motiva e empolga [...]”. Desse modo, nas conversas iniciais sempre resgatávamos as aulas anteriores e apresentávamos o tema do dia. Nos momentos de encerramento das aulas, fazíamos sempre uma síntese do que foi a aula e discutíamos o que foi mais interessante com base nos relatos e falas das crianças, possibilitando uma maior percepção dos novos conhecimentos experimentados.

Para avaliar utilizamos estratégias diversas, tais como: conversa com as crianças, produção de fotos, vídeos, registro em desenho produzido pelas crianças, narrativas, retorno que as próprias famílias nos passavam nas conversas informais. As estratégias de avaliação não foram consideradas elementos isolados do processo educativo, já que aconteciam aula a aula (sempre pautadas no princípio da “documentação e registro” da prática pedagógica, apontado por Buss-Simão (2011).

Nesse exercício de documentação não se “olha” apenas os processos de desenvolvimento das crianças, mas também seus conhecimentos, suas produções, manifestações, preferências, interações, etc. Por intermédio dessas observações e dos registros é possível formular hipóteses acerca dos processos e das estratégias usadas pelas crianças para a elaboração do conhecimento. É possível conhecer também as necessidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, ao

fazer “leituras” do processo de cada uma das crianças e de todas como um grupo (BUSS-SIMÃO, 2011, p. 15).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Para perguntar não pode haver um comportamento potencial, servindo apenas como teste comprobatório, isso porque perguntar não é pôr, mas experimentar possibilidades”.*

(Hans-Goerg Gadamer)

A epígrafe pautada em Gadamer (2008) denota a maneira como vemos a intervenção pedagógica da “EF *da* Educação Infantil”. A nosso ver, na condução de atividades cujo objetivo é possibilitar a construção de experiências pelas crianças, não podemos pressupor que os significados atribuídos a essa experiência estejam dados a priori. Pois acreditamos que a experiência em seu sentido mais amplo, constrói-se na própria experiência do sujeito com aquilo que a proporciona.

Destacamos que o projeto relatado esteve balizado pelas possibilidades de experiências oportunizadas às crianças. Experiências que envolveram a vivência e apropriação de cultura corporal de movimento, a partir de sua articulação a outros saberes. Entretanto, ao trazermos nosso relato, não pretendemos delimitar uma fórmula para o trabalho integrado, pois essa não existe. A construção de um projeto de intervenção deve sempre partir da realidade vivenciada em cada CMEI, das especificidades das crianças, e da decisão coletiva. O que dividimos é uma possibilidade de trabalho que foi estruturada a partir de questões que moviam nossa prática, qual seja: o interesse pela efetivação de uma prática pedagógica que, articulada à prática dos demais professores/as do CMEI, valorizasse a contribuição específica da EF à primeira infância.

Apesar da avaliação positiva do projeto desenvolvido, sabemos que a integração entre os diferentes profissionais no CMEI ainda se coloca como um grande desafio. Um trabalho coletivo e integrado exige uma flexibilização das rotinas, tanto a rotina da criança como a rotina e estruturação do horário do professor. No nosso caso específico, destacamos

que algumas aulas foram ministradas coletivamente (tarefa difícil, em função da “cultura” de que a aula de EF é o horário de planejamento dos demais docentes).

Sobre a rotina, destacamos que, apesar das críticas existentes à forma como essa se organiza nos CMEIs, estabelecemos com ela uma relação positiva, pois conforme argumenta Barbosa (2006), a relação não pode ser sempre negativa. Ou seja, na condição de alguém que vivencia o “chão do CMEI”, não nos parece problemática a existência da rotina como forma de organização (necessária), desde que as questões administrativas não se sobreponham aos aspectos pedagógicos, bem como às especificidades das crianças.

Para finalizar, outro ponto que parece fundamental para o êxito de um trabalho integrado é o respeito e reconhecimento das contribuições e saberes dos distintos docentes que compõem o coletivo da EI. Para tanto, ao pensarmos no desafio que é a construção de uma “EF da EI”, parece-nos premente o resgate da dignidade da dimensão da experiência corporal na EI. Haja vista que, em muitas ocasiões, a despeito de figurar como elemento central nos documentos norteadores da EI, contraditoriamente a linguagem do movimento (identificada com o lúdico ou com o brincar) tem sido absorvida numa perspectiva reducionista/utilitarista. Na contramão dessa “experiência corporal instrumentalizada” é que temos investido na construção de uma prática que procura constituir o lugar da EF na coletividade do CMEI, não na perspectiva de uma “especialização/disciplinarização precoce”, mas no sentido de auxiliar na construção de um projeto de cuidado e educação que garanta aos “sujeitos da EI” o direito a saberes/experiências, que, por vezes, têm sido parciais.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Fascículos 11 e 12.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo: supl. 4, p. 53-60, 2001.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Educação Física na Educação Infantil: compartilhando olhares e construindo saberes entre a teoria e a prática. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-21, jan. 2011.

FARIA, Bruno de Almeida. **As relações de reconhecimento social na cultura escolar: um caminho para a compreensão da construção das identidades docentes**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Enio Paulo Giachini. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MATTOS, Mauro Gomes de. NEIRA. **Educação física infantil**: construindo o movimento na escola. Guarulhos, SP: Phorte Editora, 2004

RICHTER, Ana Cristina. **Sobre a presença de uma pedagogia do corpo na educação da infância**: retratos e vozes, lugares e tempos da corporalidade na rotina de uma creche. 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROCHA, Maria Celeste Rocha. **Forma escolar, educação física e educação infantil: (im)pertinência**, 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, 2011.

SAYÃO, Deborah T. Educação física na educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano XI, n. 13, p. 221-238, nov. 1999.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

**Recebido: 10 novembro 2014**

**Aprovado: 26 fevereiro 2015**

**Endereço para correspondência:**

**Maria Celeste Rocha**

**Rua Antiocho Carneiro de Mendonça, n. 170, apt. 508**

**Bairro Jardim Camburi**

**Vitória – ES**

**CEP: 29092-130**

**celesteefi@gmail.com**